NOVOS DESERTOS

POESIA

Ẹgrium Tạdrel

NOVOS DESERTOS

Novos Desertos

Ẹgrium Tạdrel

Rio de Janeiro, 2026

1ª Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tadrel, Egrium
Novos desertos [livro eletrônico] / Egrium Tadrel. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2026.
PDF

ISBN 978-65-01-99655-4

1. Poesia brasileira I. Título.

26-344689.0 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Novos Desertos
CC BY-SA 4.0 2026 Caleb Sales

Autor
Ẹgrium Tạdrel

Publicado no Brasil em
março de 2026

Edição e Diagramação
Ẹgrium Tạdrel

Capa
Ẹgrium Tạdrel

Esta obra literária é licenciada sob a licença Creative Commons Atribuição Compartilha Igual 4.0 Internacional por Caleb Sales em março de 2026. Alguns direitos reservados.

Novos Desertos

Ẹgrium Tạdrel

Ao amigo Marcus Pedroza,
pai do pequeno Otávio.

Hoje é um belo dia para evitar o GAFAM.

Aüneriasih, GFJR

Índice

Preâmbulo.....6
Primeiro ato.....7
- Lótus.....7
- O Bitcoin furado.....7
- Fragilidade digital.....8
- Biblioteca de Alexandria 2.0.....8
- Meta o pé aí.....9
- Oceano murado.....10
- Pista de corrida radical 10
- Luto oficial de 1461 dias.....11
- Tragam o lenço.....11
- Sinais contemporâneos 12
- Amontoado de muita coisa escrita.....12
- Fim do dia.....13
- Parada obrigatória...13
- Urbe.....14
- Nunca mais.....15
- Faz-de-conta.....16
- Literatura.....17
- Estação Inferno.....18
- Semeadores de Dunas 19
- Ampulhetas correndo 20
- Apresente-se.....20

Segundo ato.....23
- Oração sem sujeito...23
- Adivinha.....23
- Avenida Aleatória.....24
- Assembleia Convencional.....24
- Decreto metagovernamental. 25
- Remessa interplanetária.....26
- Anfiteatro.....27
- Pressão e neblina.....28
- Inveja.....28
- Heroísmo de vanguarda.....29
- Câmara anecoide.....29
- Enseada de Maria da Graça.....30
- Plantão 24 horas.....31
- Hora de acordar.....31
- Epílogo.....32
- Anúncio classificado. 32
- Clepsidra.....33
- Alheamento.....33
- Lamentações.....34
- Paisagens.....34
- O Escrevinhador do Futuro.....35

Sobre o autor.....37
Agradecimentos.....37
O Desescritório.....38
Blog.....38

Preâmbulo

É manifesto desejo do autor que este livro jamais seja oferecido, negociado, transmitido ou armazenado com uso de DRM (Digital Rights Management) ou qualquer outro sistema ou protocolo análogo, que possa impedir, limitar ou restringir a propagação da informação nele contida.

Totalmente produzido sem nenhum uso de Inteligência Artificial.

Primeiro ato

Adiante o relógio em duas horas.
Está começando o Horário de Inferno.

Lótus

A esperança que tanto alimentamos
jaz soterrada sob lama e lágrimas.
Um triste destino inescapável.
Buscamos sempre o melhor
e nos preparamos par o pior.
Lidas vãs de uma existência impermanente.

Não há barreira que a natureza não transponha.
Nós desafiamos, e sorrimos para o destino.
Ainda há alegria na aridez austral.
As flores insurgentes nascem no lodo.

O Bitcoin furado

Vi o bonde andando, embarquei
Um enredador e sua bala de prata
Me dá um que vira dez, eu paguei
Coloquei cem, fiquei sem nada

Fragilidade digital

```
DELETE obra
FROM coleção
WHERE id IN (
SELECT id
FROM coleção c
WHERE
YEAR(CURRENT_DATE) - c.ano_publicação > 10
)
```

/* num ambiente onde o armazenamento do conhecimento é totalmente centralizado, um único comando basta para apagar para sempre toda a memória da humanidade. */

Biblioteca de Alexandria 2.0

O dia em que a Internet parou de funcionar
definitivamente saiu do ar
para nunca mais conectar as pessoas
A verdadeira instauração do Caos
Ninguém era mais capaz de fazer o mínimo
sem antes ver uns três vídeos
ler as instruções na tela
conversar com a inteligência artificial

Em uma semana, regredimos oitocentos anos

Meta o pé aí

O espaço está aberto.
Meta aí a sua opinião.
Se mal formada, mal informada,
destrambelhada, faça o serto.

Ferida aberta, meta aí o dedo;
só vai sangrar o rosto alheio.
Faça sim, meta aí sem medo;
vai com força, sem receio.

Quem frequenta a rede social
quer mesmo se machucar?
Já não é hora de debandada geral?
Quem mais quer derrubar montanhas de açúcar?

Meta aí o dedo pro alto e venha comigo!
É hora de levantar acampamento.
Ainda que meta aí ardis e perigo,
é de público e notório conhecimento

que é sempre melhor estar em terreno amigo.
Meteram aí um discurso que com a prática não condiz.
Encontre outro lugar, e faça o que eu digo:
Meta o pé aí e seja feliz!

Oceano murado

A jangada avança seu rumo, solitária.
Transpassa as ondas do Oceano violento,
prossegue, e cansa, incerteza vária:
só mais um dia no Oceano cinzento.

É tarde, e não sabe se alcança o destino:
se perto, se longe, se um completo erro.
Um deserto murado, e seu vil desatino,
que impele, e fustiga, açoite de água e ferro.

O jangadeiro visa seu ancoradouro final:
Não há quem já tenha testemunhado
desterro imposto no próprio Oceano natal.
Havia horizonte, há um Oceano murado.

Pista de corrida radical

Nós nos organizamos para uma grande aposta.
Quem chegar primeiro no precipício perde
e quem chegar depois, perde também.
Quem ficar atrás vai sofrer mais.
Se alguém descobrir como vencer, a gente mata.
Dúvidas no regulamento serão dirimidas a bala.
Três, dois, um... Valendo!

Luto oficial de 1461 dias

Abriram-se do Inferno os portões
O Diabo: diga ao povo que fico
Já circulam entre nós os Dragões
dente afiado e bafo de maçarico

A turba se esparrama em procissões
Santo Pneu aro 22 e o grande Mico
em verde-amarelo formaram multidões
a cantar louvores no muro do milico

Vai passando no toque a boiada
Fauna lúgubre surgindo do esgoto
Nesse circo sem lona armada
Quem menos assusta é o Capiroto.

Tragam o lenço

Tragam o lenço
O crocodilo vai chorar
vem vindo sorrateiro
o rastro de destruição atrás
só agora se arrepende.
Mas quem se importa?

Sinais contemporâneos

Limite de velocidade: dez cadáveres por minuto
Proibido buzinar: silêncio absoluto
Mão única: o mercado manda e desmanda
Proibido virar à direita
Proibido retornar
Atenção.
Pire!

Amontoado de muita coisa escrita

Um montão de ódio e cinismo.
Amontoado de ignorância
atropelando o direito e o civismo:
haja-nos muita paciência.
Monte de mentira e preconceito
combinando com as cores da gravata.
Sua mente, vácuo perfeito
expele fora mais uma bravata.
Não bastasse a descompostura,
alguém nos chamou o Jair
para falar de literatura:
ele nunca irá conseguir
mensurar o valor da Cultura.

Fim do dia

Um copo à mesa
meio vazio
Uma música triste
cortando o vazio
Um brilho distante
como meu pensamento.
Passou. Tudo passa.
Amanhã será outro dia.
Não haverei de te esquecer.
Não voltaremos a nos ver.

Parada obrigatória

Seguia a estrada pela pista da esquerda. Nenhuma interrupção, nenhum cruzamento, apenas o pé no acelerador e o vento no para-brisa, indo adiante, sempre adiante. Nada poderia ser melhor que estar sempre à frente, o melhor é sempre chegar primeiro, e ter mais tempo para aproveitar a estadia — ou, quem sabe, chegar primeiro e poder lançar-se mais cedo ao próximo destino, um sempre novo e próximo desafio, e correr, e correr, sem limite, freio, pardal, ou semáforo. E chegar mais cedo do que os que madrugaram na partida, antecipar-se numa corrida desenfreada até não poder mais. Até não poder mais. Sim. A parada um dia chega.

Urbe

Meu não-lugar
de andarilho nômade
viagem sem fim
cruzando desertos
cheios de pessoas
numeradas e separadas
pessoas cheias de ideias alheias
atentas às vidas alheias
obedecendo ordens alheias
às vezes é até possível encontrar alguém
nesses desertos sujos de asfalto
inóspitos

caminho em silêncio no deserto barulhento
a paisagem monótona
cemitério de pessoas vivas.

A vida vale muito mais que esta estadia.
A primeira hora é a de partir.

Nunca mais

Fechamos a porta
Olhamos no espelho
O desconforto impacta
Ainda estamos de pé
E pagamos por ter acreditado por tanto tempo
ou simplesmente deixado a questão de lado
De forma tão inocente ou despreocupada
Por termos esperado tanto
como se sempre houvesse algo pelo que esperar
um "amanhã vai ser melhor"
um remédio contra as dores que nos tomam
lenta e completamente, como os bichos que somos

Quanto ao que nos resta, há algo a fazer
mas talvez não queiramos saber disso.
Dispomos do nosso tempo
como se não fosse ele a nossa vida se esvaindo
uma ampulheta vagarosamente marcando
a conta oculta dos nossos dias

Não há mais o que esperar
A única certeza: hoje é o nosso dia

Faz-de-conta

Eu não vi
Estava ao meu lado
Colecionamos façanhas e cicatrizes
Passeamos juntos
Na areia
No gramado

Algum dia cheio de pétalas e risos
Eu te chamei pra dançar
Faz-de-conta que sou.
Faço-de-conta que você é.
Fizemos o nosso jogo,
e cada um ganhou menos do que merecia.

Pisquei os olhos:
tudo virou passado.
Quero apertar sua mão.
Quero ouvir sua voz.
Devia ter acordado a tempo
e feito as honras merecidas e necessárias
Eu não vi

Literatura

Com tantos bons livros já escritos
Estes escritores ainda insistem
e escrevem para além do cânone,
e mostram o que já se sabe e não se quer ver.
Quem se importa com nosso destino?
Quem se importa com a cultura?
A cultura é uma mercadoria na mão da indústria
Como outra quinquilharia qualquer
É o que dizem alguns, cínicos
que podem pagar pelo que quiserem consumir
sem restrições.

Não se iludam com discursos vazios:
somos a voz de nosso tempo,
a consciência de nossa classe.
Quem escreve um livro para vender,
põe mais um traste na prateleira,
mas quem lê o seu tempo e o transforma em arte
se imortaliza para além de qualquer número.
A arte literária transcende o capital.

Estação Inferno

Aqui há duas estações no ano:
Nove meses de verão quente e seco
e em dezembro abrem-se os portões:
três meses de Inferno
que começam trágica e triunfalmente
com o velhinho barbudo de traje polar.
Ele distribui às crianças, generosamente
os presentes que seus pais puderem pagar

O Inferno é sempre um inferno:
o Sol de ontem estacionado no céu
junta-se ao de hoje
que juntar-se-á ao de amanhã.
Final do Inferno, noventa sóis enfileirados no céu
como o engarrafamento na ponte,
nos cozinham lentamente enquanto percorremos
as vinte mil léguas entre Praça Quinze e Irajá.

Semeadores de Dunas[1]

Neste exato lugar, há muito tempo
havia tristes e horripilantes florestas
onde a vegetação nativa crescia, terrivelmente
sem qualquer limite para a ocupação do espaço
e formavam mata densa e fechada
uma grande área verde e impenetrável,
ocultando minérios e riquezas,
onde os animais selvagens encontravam abrigo
e viviam suas vidas feroz e livremente
imersos no caos e sem prestar contas ao fisco

Felizmente grandes homens limparam a floresta
eliminaram a sujeira verde e as ameaças vivas
e nos construíram estas belas Dunas de Areia
Limpas, e previsíveis, e organizadas, e seguras,
que se estendem até o horizonte, ou mais.
Há algumas poucas plantas, fichadas na prateleira
d'algum laboratório, junto aos fármacos
e poucos animais subsistem em suas celas
feitas do aço extraído da floresta
apenas o suficiente para nós poucos.
Nunca vi a floresta em pé, mas afirmo:
Nada é tão belo como as vastas Dunas de Areia.

1 Contém ironia

Ampulhetas correndo

O Tempo avança a ampulheta a galope:
Lamenta-se mais alguma perda.
Rotina que se segue e nem se percebe.
O Tempo conduz as horas no laço,
evocando seus nomes próprios e únicos,
ignorados e esquecidos.
Um dia, talvez, apenas, façam-se valer.
Não se perde o que não se tem.

Apresente-se

Podem dizer que não é nada:
nada que já não tenha sido feito.
Neste sol escaldante do deserto,
quarenta anos de solitária viagem;
isso, sem ter ido tão longe,
mas sem nenhum abrigo perto.

O ter visto amenos momentos
em uns poucos oásis na estrada,
não faz o clima menos árido.
A monotonia da paisagem,
interrompida aqui e ali
por algum novo pedregulho,

que me sussurra,
cuidadoso,
para que ninguém mais o ouça:
"Tire-me do caminho!"

A sede aperta;
esse mundo inóspito,
sempre o mesmo,
mas que já não reconheço,
não facilita a passagem
a um homem como eu,
explorador antártico em traje polar,
a devassar as quentes areias
em companhia de cactos e abutres.

Eu também não lhes dou passagem.

A promessa de um prêmio oculto me acompanha.
Miragem?
Meus pés, acostumados à dureza do caminho,
não sabem senão prosseguir.
Prosseguir este destino errante,
de quem, com alguma sorte,
desce o balde ao poço
e tira dele água limpa e inocente.

Miro e vejo meu reflexo,
esforçando-me por imaginar
um fortuito e improvável acaso:
será também assim a face de meu semelhante?
algum dia encontrarei algum, nesta amplidão?

Deve haver algum prêmio por isso.
Desbravar as areias quentes e secas
a mando de um sem-número de imperativos,
uns quentes e secos "Tu Deves"
emanados de alguma sombra escura,
sempre a mesma,
e que também não mais me reconhece:
nem a face, nem a voz.

Meu canto alto e expressivo,
ninguém o acompanha,
mas levo-o adiante,
e assusta todas as sombras,
e liberta a dor contida.

Sendo o prêmio o descanso,
poderia tomá-lo agora;
Se há algo bom por vir, por gentileza,
Apresente-se.

Segundo ato

A pizza é a fonte do mistério:
Consegue ser plana e redonda ao mesmo tempo.

Oração sem sujeito

Oh grande ácido acetil-salicílico,
em nome do paracetamol,
nos dê vinte miligramas de boa vontade.
Livrai-nos de todo omeprazol
e de toda receita de meia verdade,
e não nos deixeis cair no zolpidem.
Mandai todo voltaren pra farmácia que o pediu.
Benzetacil.
Amém.

Adivinha

Agricultores muito bem intencionados para com o erário de suas famílias aristocráticas meritocráticas cleptocráticas descartaram numerosas copiosas grandiosas toneladas de alimentos para que os preços pudessem subir e seus lucros pudessem decolar aumentar disparar vergonhosamente às custas da fome alheia. Considerando esta ocorrência violência impudência, pergunta-se: qual é o sabor da pizza?

Avenida Aleatória

Imprevisivelmente, o carro entra a toda velocidade na Avenida Aleatória. Todos os semáforos — onipresentes — estão desligados, mas o trânsito flui bem. O mapa eletrônico indica o não-lugar do nosso paradeiro desconhecido. Uma hora estamos aqui, e logo logo bem distantes. Estamos em qualquer lugar, em parte alguma, ou em lugar nenhum. A numeração dos edifícios se sucede rápida e desordenadamente à medida que o veículo... avança? A sinalização não diz para onde vamos, apenas aponta para frente. E vamos em frente, e assim podemos chegar em qualquer lugar. É certo que em algum lugar deveremos chegar. Mas, então, para onde vamos? Onde queremos estar em dez minutos? Em uma semana? Vamos chegar, mas quem sabe onde, ou quando? Logo? Ou tarde? Ou... nunca?

Assembleia Convencional

Por convenção oceânica,

o polvo vota na lula

mas elege a lira, a fornalha, o trator e a espada.

Os horizontes são amplos, mas...

...quando o Oceano vai ter limites?

Decreto metagovernamental

Gabinete do Primeiro Sinistro.

Decreto metagovernamental nº 171-1406:

Assunto: controle de zoonoses.

Art 1º - Por meio deste instrumento, tensionado e percutido, sempre dentro dos limites da surrealidade característicos deste país, determinamos drasticamente, mas sem perder a ternura, a construção de um jardim zoológico de segurança máxima em cada Unidade da Federação, com ampla capacidade, visando dar cabo à infestação de tigres em território nacional. Justifica-se este ato de excepcional interesse público, pois de acordo com o princípio da isonomia, não é aceitável que os tigres fiquem ricos e nós não.
Art 2º - O capital ~~malocado~~ abocanhado pelas ferozes feras felinas financiará as faraônicas e fabulosas construções.
Art 3º - Em caso de corrupção na construção dos jardins zoológicos, será cobrada taxa de 20% sobre o dinheiro desviado. Justifica-se essa medida de excepcional interesse público, pois a legalização ~~da corrupção~~ do esquema evitará que o capital evada para um paraíso fiscal, como as ilhas Cucuias do Norte, ou o Cafundó do Judas do Extremo Oeste, gerando receita fiscal para a Nação.

§1º - Em caso de desvio de parte da taxa ou de sua totalidade, a cobrança será recursiva.
Art 4º - Se as obras não ficarem prontas a tempo, será decretado estado de salve-se quem puder, desde que eu me salve primeiro.
Art 5º - Está liberada a extração e beneficiamento de petróleo em todo o multiverso.
§1º - O jabuti é um animal bonitinho.
Art 6º - Este decreto metagovernamental entra em vigor no dia 36 de fevereiro de dois mil, novecentos e lá vai fumaça, ou quando eu achar que deve. O que ocorrer antes.

Remessa interplanetária

Remetemos este discurso enganoso, vil, tacanho, cínico, seboso, rabugento, mentiroso, abjeto, maltrapilho, ignóbil, estapafúrdio, sorumbático, macambúzio, ardiloso, inverossímil, ímprobo, antipático, inidôneo, equivocado, pseudomoralista de extrema direita à mais distante das terras improdutivas e áridas, para que possa tal terra ser pronta e adequadamente adubada, ressalvando com sua resguardada distância nossa paz e nosso sossego durante a permanência desta geração e das gerações vindouras no planeta Terra. E que não voltem a nos importunar.

Anfiteatro

Vimos, ora assustados, ora apreensivos, a partir destes assentos, a passagem atribulada e confusa de um sem-número de cidadãos, alguns trazendo ordem, outros levando-a embora, cada um em sua aparente paz de consciência, não obstante as consequências de seus atos. Ninguém quer viver tempos difíceis. A questão é muito mais complexa. Vivemos em um tempo em que a própria noção de entendimento é sabotada por dentro, por fora, em todas as direções. O conhecimento está sob ataque. É preciso um valor sobre-humano para ser capaz do mínimo; e nem um mínimo de direitos já não se garante à grande maioria da população.

A encenação prossegue. Finge-se preocupação com o futuro, enquanto preocupam-se com o bolso dos acionistas; finge-se preocupar-se com liberdade, ou segurança, ou com o espantalho da moda, agora, a Inteligência Artificial, enquanto as preocupações básicas do trabalhador são leiloadas.

Precisamos de muito mais do que nos é oferecido. Algo realmente desejável, ou seja, algo pleno, potente, brilhante, acolhedor... isso parece tão impossível e tão distante da realidade, e o saber-se isso é tão inacreditavelmente inútil... Nenhum cale-se é tão desalentador como aquele que nós mesmos pensamos e impomos a nosso próprio respeito, ao olhar em volta e ver onde se encontram as discussões, com relação a onde deveriam estar.

Pressão e neblina

anúncio tela rede social mensagem
trabalhar até tarde sono cansaço
rede social tela mensagem anúncio
urgente urgente trabalho sono
sonhos distantes emergência preços altos
pulsão de morte solidão amigos distantes
trabalho extenuante sono sono sono
tela mensagem anúncio rede social
alguém disse um disparate
deve ser verdade tela urgente anúncio
trabalho exaustão cansaço sono
tela mensagem anúncio rede
rede rede eu me rendo

Inveja

Há quem faça o além para desperdiçar o que tem
Olhando para o lado, um destino desgraçado
Como são belas as cores daquela carroça!
O estábulo alheio é sempre mais confortável.
A grama do vizinho é sempre mais saborosa.
Como pode ser tão facilmente influenciável
sem perspectivas, sem visão, vida odiosa
sem autoestima, um sujeito miserável.

Heroísmo de vanguarda

A Inteligência Artificial está na praça.
Quem sabe, poderá mesmo ajudar?
Vendo tudo quanto a máquina faça
poderemos crescer, vencer e sonhar.

Que grande júbilo! Mais uma medalha no peito!
O glorioso relógio parado acertou mais uma vez!
Duas medalhas por dia, que nobre e grande feito!
Nem tão cedo alguém fará tanto outra vez!

O mecanismo de trato obscuro
mui fortemente nos orgulhará!
Essa máquina tem futuro!
Quem viver, verá!

Câmara anecoide

Todos sabem o que devemos fazer. Todos sabem o que devemos preferir. Quando chegar, o que vestir, como se portar, quando partir. Estes grandes sábios de antolhos que nos guiam nunca pagariam o preço de seus erros. Mas nós o fazemos, e carregamos a culpa por nós e pelos tiranos. Vivemos nesta câmara anecoide, onde ouvimos a todos, menos a nós mesmos.

Enseada de Maria da Graça

Chegou o tempo dos reformadores.
Os mapas já não mostram o que gostaríamos.
Queremos o nome no acidente do relevo.
Impresso e auditável, de volta à babilônia
Não importa quem chegou primeiro
menos ainda quem foi que viu depois

Eis que não há mais um Oceano Atlântico,
mas a Enseada de Maria da Graça
conforme determina a Junta Governamental.
Maria da Graça, que não tem acesso ao mar
(ainda).
De lá se vê, no alto da praça Monteiro Lobato,
o cume do Pão de Açúcar, pequenino
entre os morros da Zona Norte do Rio de Janeiro.

De Oceano para Enseada? Sim!
Quem se importa com as convenções?
É só pôr o nome no mapa e está valendo.
Aqui, no ancoradouro principal,
na Rua do Pirata Barbudo,
próxima à Avenida do Convés,
tudo segue na mais perfeita desordem.

Plantão 24 horas

Os ajudantes inteligentes estão a postos
O dia todo, todo dia, em toda parte,
Gentis e solícitos em seu labor
conduzindo o pensamento da multidão.

Qualquer desvio será corrigido
Qualquer descaminho será consertado
Qualquer equívoco será dirimido
Qualquer ameaça será suprimida
Para que interesses obscuros prevaleçam.

É tão sutil que ninguém mais vê ou se incomoda
com a brutalidade da censura
ou com a enormidade da ameaça.

Hora de acordar

Um dia ousamos sonhar. Vislumbramos um mundo de possibilidades, estendemos a mão, anseio vão de alcançar o inatingível, alçando só alguma recompensa frugal. Miragem. Atravessamos uma vida rumo ao destino invevitá-vel, a morte e o esquecimento. No túmulo não há sucesso ou fracasso. Movem-se as dunas, como se vivas, alheias ao fado de todos os seres, do qual são testemunhas silentes as frias areias do tempo.

Epílogo

Um dia o Sol nascerá novamente
e encontrará esta Terra tão florida.
Despertará toda vida ora dormente;
fará gritar cada voz hoje esquecida.

Alegria de quem possui seu próprio viver
O dia mais sublime da vitória esperada
Nenhum de nós presenciará o amanhecer
Retomará a Natureza sua antiga morada

Sem quem lhe verta o timão ao rumo errante
segue o caminho imprevisível e tortuoso
pelo qual bons ventos lhe sopram boa sorte

Deixando atrás o infortúnio desventuroso
alcança a paz, cujo preço, a nossa morte,
bem se paga, dado o prêmio jubiloso

Anúncio classificado

Vende-se cara-de-pau. Motivo doença. Único dono. Perfeito estado de conservação e funcionamento. Entrega somente após o pagamento. Pix para o meu celular. Não faço reembolso. Quem pagar primeiro leva.

Clepsidra

Já não se recorda quem começou
ofereceram nossas vidas em pagamento
como aconteceu e assim continuou
transação fria e sem consentimento
a água cede, o tempo nos devora
ninguém quer cruzar a tempestade de areia
precisamos, se queremos as cores da aurora
belas ideias que o sábio semeia
seguimos limitados tateando no escuro
promessas de uma vida refinada
quem presume conhecer o futuro
tem sempre uma surpresa reservada
quem hoje vê o jogo perdido
amanhã verá a maré mudar
os dias terão nos devolvido
a alegria de viver, de crescer, de sonhar.

Alheamento

Edificamos, tijolo após tijolo, pedra sobre pedra, um emaranhado colossal de construções, de pavimentos, de relações, de sentimentos, atendendo a demandas alheias. E fazemos nosso pequeno canto, à beira do mar, à beira do rio, pra água levar, nos deixar o vazio.

Lamentações

Lamentamos profundamente
A insalubridade a exploração as doenças
As milhares de mortes evitáveis
A fome a miséria a violência física e moral
Entendam por favor, de uma vez por todas
Nosso lucro não pode cessar

Paisagens

Ruínas abertas e mal conservadas
trabalho feito que já não tem o valor de antes
restos de estradas que não levam longe
Vastos campos com labaredas esparsas
consumindo o pouco que resta da flora
Um pequeno jardim que a precária cerca proíbe
um pequeno casebre onde alguém ainda vive
confinado no ermo a depender da chuva
que quase não visita estas paragens
Às vezes, é possível ver as estrelas
seguras, no céu, a zombar de nós

Do vasto mundo, não se tem notícia melhor
e talvez não se tenha notícia nenhuma

O Escrevinhador do Futuro

Sítio ermo de um futuro distante
O caçador escala os prédios desabados
Dunas de areia, concreto e lixo
as ruínas que legamos
luzes apagadas
torneiras secas
ossos empilhados
onde um dia — já não se sabe
floresceu uma cidade ignorada

no meio do entulho antigo: um livro
a pequena peça chama atenção
o exterior bem adornado
e cheio de páginas incompreensíveis
A quem terá pertencido?
A que fim terá servido tal objeto?
Não é tão impressionante
Não mais do que as telas apagadas
e os vidros coloridos quebrados das catedrais

>

O caçador guarda o material
e também a outros
Faz-se colecionador de pequenos papéis
uns quantos bem preservados
outros pelo tempo deteriorados

Recolhe. Organiza. Classifica.
Sua comunidade toma conhecimento
e formam-se hipóteses sobre a utilidade
sobre o propósito e funcionamento dos sinais.

Eis que, no futuro distante,
surge mais uma invenção
capaz de revolucionar a vida humana
tão fustigada pela aridez do deserto.
Mais uma vez sobre a Terra
Descoberta e desvelada
A invenção da escrita.

Sobre o autor

Ẹgrium Tạdrel é escreveunte operacional, glossopoeta, ateu dogmático, micronacionalista e profissional de tecnologia da informação - se interessa por bancos de dados, criptografia, software livre e padrões abertos. Nascido em agosto de 1985 em Maria da Graça, bairro do Rio de Janeiro, sempre manifestou seu gosto pela leitura e pela escrita. Alguma vez quis escrever, e tendo feito amizade com o poeta Adiron Marcos, embarcou na aventura literária, guiado pelo amigo. Tạdrel é o criador da Cultura Aüneana, que inclui idioma, escrita, calendários e muito mais. Esta é sua quarta obra autopublicada, tendo lançado “O Livro de Sóis e Tempestades” em GCCH (junho de 2022), “Solitude” em GDHA (novembro de 2023) e "Levantar Acampamento" em GECI (setembro de 2024).
Entre em contato: .

Agradecimentos

Agradeço aos meus amigos Marcus Pedroza, Maíra Penteado, Adiron Marcos, Perce Polegatto, Sabrina Behar, e Jota Santos, pelo apoio e incentivo. Agradeço igualmente a todos que apreciam meu trabalho.
Parabéns ao Otávio Pedroza e ao Arthur!

DIGA NÃO AO FASCISMO!

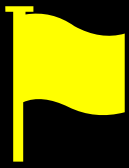
O Desescritório

Nosso link agregado contém atalhos para nossos blogs, para venda de livros físicos e para baixar os e-books que tiverem sido publicados de forma independente, geralmente em Creative Commons. Visite:

Blog

Mantenho um blog, um espaço na Internet que não está sob os algoritmos de recomendação das grandes e infames redes sociais, onde costumo postar sobre poesia, tecnologia, política, e algumas notícias. O endereço mudou.

Aqui o link:



Diga não às drogas: instale o Linux.

Obrigado por ler. A saída é pela esquerda.

Este livro foi composto pelo autor com tipologia DejaVu Sans, DejaVu Sans Mono e DejaVu Serif.